

Presos pelo 8/1 quebram tornozeleiras e fogem do país

Condenados do 8/1 quebram tornozeleira e deixam país

Reportagem identificou dez pessoas que fugiram para Uruguai e Argentina

Eduardo Militão

Asíla juar. Ao menos dez militares bolsonaristas condenados ou investigados por participarem dos ataques golpistas de 8 de janeiro quebraram suas tornozeleiras eletrônicas e fugiram do Brasil.

Levantamento feito pelo UOL aponta que ao menos dez pessoas suspeitas de participar do ataque às sedes dos três Poderes têm mandados de prisão em aberto ou fugiram após quebrar suas tornozeleiras eletrônicas.

Entre elas, a reportagem identificou dez pessoas que fugiram para o exterior neste ano pelas fronteiras de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os destinos delas foram a Argentina e o Uruguai.

Sete dos fugitivos já foram condenados pelo STF (Supremo Tribunal Federal) a mais de dez anos de prisão por participarem de tentativa de golpe de Estado no 8 de janeiro.

O levantamento foi feito com base em registros do STF e CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e em entrevistas com parentes, investigadores, amigos e advogados.

Um dos fugitivos — que se considera um exilado político — faz até campanha em redes sociais para financiar sua permanência no exterior. O pedreiro Daniel Bressan tenta vender produtos e já ofereceu uma rifa de um Fiat Uno 2015. As Polícias Cíveis de SC e RS disseram que não foram solicitadas para fazer buscas pelos fugitivos. A Polícia Civil de Paraná não se manifestou. Os órgãos de administração penitenciária do PR e de SC se negaram a informar quantos investigados quebraram tornozeleiras ou fugiram.

Procurados, o STF e a PF não se manifestaram sobre as buscas. Não há alertas públicos da Interpol (polícia internacional) pelos fugitivos. Os advogados dos investigados e réus negam que eles tenham deprecado prédios públicos ou participado de tentativa de golpe de Estado. Alguns afirmaram que estavam nos prédios apenas para se protegerem de bombas lançadas por agentes de segurança.

Estes [os que foram presos no Palácio do Planalto] têm que pagar pelo que fizeram, mas [para] o crime de depreciação não cabe prisão desse jeito. O Estado não é o Palácio. Você não atentou contra o Estado invadindo o Palácio, ainda mais num domi-

go", disse Cláudio Caivano, advogado de fugitivo e de outros 20 bolsonaristas. Ao menos um dos fugitivos afirma ter pedido asilo político à Argentina. As assessorias dos ministérios do Interior e das Relações Exteriores argentinos disseram que não revelariam quem entrou no país ou quem pediu asilo por se tratar de dados pessoais.

Pelas leis brasileiras, a destruição da tornozeleira e a fuga não aumentam a punição, mas o fugitivo perde o direito ao regime aberto e volta ao semiaberto ou fechado. Por outro lado, facilitar a fuga é crime punível com seis meses a dois anos de detenção. Veja quem são os fugitivos:



Ângelo Sotero, 59. Músico de Blumenau (SC), foi condenado a 15 anos e meio de prisão por tentativa de golpe de Estado e associação criminosa armada no 8 de janeiro. Em depoimento, disse "ter tomado conhecimento que seria preso quando estava no Palácio do Planalto, depois de um certo tempo sentado, orando".

Há cerca de um mês, quebrou a tornozeleira e fugiu, segundo o advogado dele, Hemerson Barbosa. Fontes ouvidas pelo UOL dizem que Sotero se juntou a um grupo de dez bolsonaristas e chegou à Argentina por meio da fronteira de Dionísio Cerqueira (SC).

"É um julgamento político. Se estivesse no lugar dele, faria a mesma coisa. Não cumpriria ordem do Alexandre de Moraes", disse Hemerson Barbosa, advogado de Sotero, que nega saber o paradeiro do cliente.



Gilberto Ackermann, 50. O corretor de seguros de Balneário Camboriú (SC) pegou

16 anos de prisão por participar do 8 de janeiro invadindo o Palácio do Planalto. Foi condenado por tentar um golpe de Estado e por deterioração do patrimônio tombado, entre outros crimes. Ele nega ter cometido crimes. Ele nega ter quebrado objetos no local.

Fabiola Paula Bêe, cunhada e advogada, diz que Ackermann fugiu em 25 de abril e que a família não sabe para onde ele foi. As 18h35 daquele dia, a 1ª Vara Criminal de Camboriú ordenou que o STF fosse comunicado de que sua tornozeleira parou de funcionar e que ele não atendeu aos telefonemas. Segundo investigadores, Ackermann faz parte do mesmo grupo que fugiu para a Argentina. A defensora tenta recursos no STF.



Raquel de Souza Lopes, 51. APGR (Procuradoria-Geral da República) diz que a moradora de Joinville (SC) destruiu bens. Raquel nega.

Em abril, Raquel fugiu para a Argentina, segundo investigadores e testemunhas. O filho, Acelil Francisco Júnior, diz não ter informações sobre a mãe ou sobre a fuga. A defensora, que também diz ignorar o paradeiro de Raquel, tenta recursos no STF.



Luiz Fernandes Venâncio, 50. O empresário de São Paulo é réu em ação penal no STF pelos ataques golpistas do 8 de janeiro. Em vídeo gravado na Argentina, ele relata que fugiu do Brasil e que pediu asilo ao governo de Javier Milei, aliado de Jair Bolsonaro (PL). O advogado Cláudio Caivano diz que Venâncio aguarda audiência sobre um pedido de asilo. No início deste ano, ele saiu da área permitida para uso da tornozeleira. Questionado, pediu ampliação da área até Gua-

ruchos (SP), para poder trabalhar. A PGR pediu sua prisão, e o mandado foi expedido em 21 de março. A família e o advogado estimam que ele fugiu entre 1º e 20 de março.

O defensor diz ainda que Venâncio estava na praça dos Três Poderes, mas não invadiu nem deprecou nenhum prédio. A defesa reclama da falta de acesso ao inquérito.



Flávia Cordeiro Magalhães Soares, 47. A empresária responde a investigações relacionadas a ataques contra o resultado das eleições de 2022. Segundo Alexandre de Moraes, Flávia "se utiliza de passaporte internacional para ingressar e sair do país sem se submeter às autoridades nacionais". Flávia está foragida ao menos desde o início de fevereiro, segundo indica o mandado de prisão em aberto. Ela teve uma conta em rede social destruída e fez parte de um movimento de direita chamado "Yes Brazil".

Em vídeo de dezembro, ela afirmou possuir cidadania americana e que só a usa porque "o Brasil está uma ditadura muito grande". O UOL não localizou os advogados dela.



Alethea Verusca Soares, 49. Moradora de São José dos Campos (SP), foi condenada pelo STF a 17 anos de prisão por tentar um golpe de Estado, deterioração do patrimônio tombado e associação criminosa armada. Ela entrou no Palácio do Planalto durante os atos golpistas; em depoimento, disse que seu objetivo era conseguir "mais transparência acerca de como ocorrem as votações e segurança das urnas eletrônicas". Alethea nega depreciações.

Afirmou ter entrado no Palácio do Planalto porque "havia muitas bombas". No início de janeiro, fugiu para o Uruguai pela fronteira de Santana do Livramento (RS).

Por causa da fuga, o STF ordenou o bloqueio de suas contas. Do Uruguai, ela entrou na Argentina em 12 de abril, segundo relato de uma fonte. A defesa não quis prestar esclarecimentos à reportagem.



Rosana Maciel Gomes, 50. Moradora de Goiânia (GO), ela foi condenada a 14 anos de prisão por tentar um golpe de Estado e dano qualificado, entre outros crimes. A PGR diz que Rosana participou de atos de depreciação no 8 de janeiro, o que ela nega, alegando que entrou no Palácio do Planalto por causa de bombas de gás.

Está foragida desde 15 de janeiro, quando não compareceu ao juízo. Ela foi para o Uruguai por meio da fronteira em Santana do Livramento (RS), a 2.145 km de seu endereço. De lá, chegou à Argentina.

O UOL apurou que ela entrou na Argentina em 12 de abril. Por causa da fuga, o STF confiscou suas contas bancárias. A defesa de Rosana não quis prestar esclarecimentos.



Daniel Luciano Bressan, 37. O pedreiro e vendedor de fus-sara (PR) é réu em ação penal, ele foi acusado pela PGR de participar dos ataques golpistas — ele nega ter entrado no Palácio do Planalto.

Lauda da PF que comparou imagens de Bressan às de uma pessoa que estava no prédio afirma que apenas a orelha do fugitivo se assemelha às imagens das câmeras de segurança. O advogado dele, Ezequiel Silveira, vai apresentar a defesa contra a denúncia.

Fontes ouvidas pelo UOL dizem que ele fugiu para a Argentina. Em vídeo divulgado nas redes, Bressan divulga a venda de "pulseiras patriotas" para financiar a permanência de fugitivos no exterior.

"Sou um preso político e, neste momento, um exilado político", afirmou ele no vídeo em que oferece sua conta ban-

cária no Brasil para receber as vendas. Na última sexta-feira (10), ele ofereceu em rede social um Fiat Uno 2015 de cerca de R\$ 35 mil em uma rifa virtual criada por um primo.

O UOL consultou três advogados que opinaram que, se a Justiça entender que intenção seja financiar e manter uma fuga, o doador pode ser enquadrado em crime de associação criminosa.



Jupira Silvana da Cruz Rodrigues, 58. Moradora de Betim (MG), foi condenada em setembro a 14 anos de prisão por tentar um golpe de Estado, deterioração de patrimônio tombado e associação criminosa. Jupira entrou no Palácio do Planalto, mas nega a acusação do MPF (Ministério Público Federal) de quebrar vidros e objetos.

Ela fugiu para o Uruguai em janeiro deste ano. Para isso, Jupira usou a fronteira seca de Santana do Livramento (RS), segundo a Polícia Federal. A defesa de Jupira não prestou esclarecimentos à reportagem.



Fátima Aparecida Pletti, 61. A empresária de Bauru (SP) foi condenada a 17 anos de prisão por tentar dar um golpe de Estado e tentar abolir o Estado democrático de direito. Depois do quebra-quebra em Brasília, ela foi detida, mas conseguiu liberdade condicional mediante o uso de tornozeleira eletrônica.

O julgamento de Fátima começou em 22 de março. Quatro dias depois, ela quebrou sua tornozeleira, segundo a Justiça de Bauru (SP). A autoridade penitenciária do governo de São Paulo só informou o fato ao Judiciário duas semanas depois, e em 8 de abril, o Judiciário estadual informou ao STF sobre a quebra do equipamento. Não há mandado de prisão público.

Dois advogados da empresária procurados pelo UOL não prestaram esclarecimentos após procurados por telefone e mensagem de celular.

Colaborou Amanda Cotrim, do UOL, em Buenos Aires.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 6